

## Devir-mulher da escritora: Clarice Lispector, feminismo e pós-estruturalismo

SHELTON DE CICCIO

Bacharel em Ciências Sociais pela UNESP, Marília. e-mail: sheltondecicco@gmail.com

### Introdução

**E**ste artigo tenta explicitar a sociologia do conhecimento registrada por Clarice Lispector em *Água viva*. A proposta da sociologia do conhecimento é demonstrar que um autor registra em sua obra temas e problemas paralelos que estavam em voga durante um período de sua vida. Considerando a data da primeira edição de *Água viva* (1973), almejo expor relações ou interpretações, leituras, terminologia do movimento intelectual e social da década de 1960. Penso propriamente nos eventos de maio de 1968. E vejo também que, dentre outros movimentos sociais de “minorias”, estava em crescente voga o feminismo – portanto, o tema gênero e as questões micropolíticas que ele suscita deveriam estar registradas na obra de Lispector. Meu horizonte teórico privilegiado é a teoria desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, contemporâneos de 1968, e será a partir de seus conceitos que procurarei demonstrar o registro de uma discussão de gênero, de cunho pós-estruturalista, na obra de literatura referida.

Não faço esboço biográfico da autoria. O objeto da análise aqui é o texto e seus registros histórico-sociais. Entretanto, busquei algumas reflexões especializadas sobre intertextualidade na obra de Lispector (segunda seção). Em seguida (terceira seção), faço uma pequena análise do livro. A problemática de gênero é aprofundada na quarta seção. Um artigo com esta proposta não poderia ser conclusivo; assim, as últimas considerações (quinta seção) versam sobre as convulsões da linguagem e o registro pós-estruturalista de gênero em um texto específico.

### 1. Proposta de leitura a partir de uma sociologia do conhecimento

Poderia escolher entre diversos aspectos de gênero como performatividade e dentre diversas obras, elas mesmas executando gêneros singulares, mas preferi *Água viva*, de Clarice Lispector – CL – (Lispector, 1973) por várias razões. É difícil classificar este texto consoante um gênero literário – como a própria narradora (ou o próprio, quem sabe?) diz à página 12: “Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais.” –, romance, novela, poesia em prosa, monólogo, ensaio e assim

por diante. Outrossim, uma classificação fica conturbada segundo noções de texto e de livro estritas, enfim, de tantas outras noções, por vezes implícitas ou extrínsecas, porque analíticas, envolvidas pela tessitura.

O objetivo deste artigo é aventar pontos particulares da obra que suscitem questões de gênero.<sup>1</sup> Penetrar no campo literário requer, de antemão, apreciar a literatura especializada concernente ao tema e problema propostos aqui; assim deverei introduzir e discutir questões pertinentes à literatura. Em seguida, continuarei o trabalho explorando as questões de gênero com o arsenal das ciências sociais, particularmente antropologia social e teoria de Gilles Deleuze e Félix Guattari – DG.

Tal empreendimento visa explorar a sociologia do conhecimento que foi “catalogado”, ou bem “pintado” e gravado pela autora nas páginas do livro. Evidentemente, há diversos conhecimentos. Selecionei para este artigo a temática de gênero. Uma sociologia do conhecimento sobre gênero poderá dialogar e buscar ligações com a forte onda feminista nos Estados Unidos e na Europa das décadas de 1960-1970, além dos desdobramentos dos movimentos de contracultura de maio de 1968. Assim, a hipótese que desenvolverei aqui é a de que a autora registrou o conhecimento que teve sobre gênero e feminismo nas páginas de suas obras, posto que ela estava “imersa” de algum modo na discussão. Embora não apresente menção direta, os temas e problemas suscitados podem explicitar o conhecimento e a ligação, quiçá intertextualidade, da autora com os acontecimentos que lhe foram contemporâneos.

## 2. Leituras especializadas sobre intertextualidade em Clarice Lispector

Com relação aos temas não contíguos e persistentes, Mariângela Alonso (2013, p. 1) explica: por meio da reduplicação das imagens das baratas, Clarice Lispector apresenta um intrigante novelo narrativo em que escrever equivale a procurar. Benjamin Moser (2013) desvelou as relações entre barata e nascimento em CL. Adiante, eu tomo as passagens que versam sobre nascimento, não para procurar baratas, mas para procurar o gênero na autora.

A literatura de CL opera-se com um tecido nada homogêneo, repleto de fragmentos e linhas de fuga que dominam o plano da expressão. O resultado é uma obra inacabada, resgatada na reintegração de um novo cenário, extenso e próprio. Assim, a autora deixa entrever o fato de que, por trás da técnica que domina, há todo um projeto de compreensão e revelação de um mundo que se concretiza (Alonso, 2013, p. 2).

Desde já a terminologia utilizada comporta semelhança com a deleuze-guattariana. Termos como fluxo, objetos parciais, todo, continuidade, sistema de referência sem ponto central etc. aparecem no início do texto de CL.

A realização estética de sua obra manifesta-se no campo da sensibilidade, captando as formas, os ritmos e suas pulsões, oferecendo ao leitor toda rede de relações do espaço da ficção (*id.*, p. 3). Como procedimento narrativo, o encaixe constitui, portanto,

---

<sup>1</sup> Além disso, esta peça abre caminho e preludia outra maior, na forma de ensaio, mais ousada e abrangente, que está por vir e na qual ainda estou trabalhando.

“[...] uma explicitação da propriedade mais profunda de toda narrativa” (Todorov *apud* Alonso, *id.*, pp. 5-6). Ao enredar uma outra narrativa, a história principal consegue atingir o seu tema proposto, incidindo-se na sua própria imagem. Tal resumo intratextual ou “repetição interna” constitui-se na desarticulação da massa textual, intervindo na rede de relações, de modo a assinalar a intersecção *mise en abyme* de encadeamentos significativos diversos, isto é, um intrigante jogo narrativo especular – livro-rizoma.

Há algum consenso com relação à transtextualidade e intertextualidade (Alonso, 2013, p. 9). O livro *A paixão segundo GH – PSGH* – aparece como divisor de águas da obra de CL. Autora e personagem em monólogo e narrando em primeira pessoa, notadamente uma artista (*id. ibid.*, p. 10) – fato recorrente em *PSGH* e *Água viva*.

E, em número especial da *Revista CULT*, encontra-se um artigo que respalda a localização que propus do discurso de CL:

Lacan e Barthes tiveram grande ressonância teórica no Brasil. No entanto, pode-se dizer que é na literatura de Clarice Lispector que se encontra uma homologia em relação a essa percepção do processo de produção de identidade a partir da linguagem. E o que torna rico esse paralelo é justamente o fato de Clarice Lispector ter escrito vários de seus livros antes da voga estruturalista e dentro de um registro ficcional – não se tratando aqui, portanto, de influências recíprocas, mas de um movimento mais geral de assimilação do sujeito a sua superfície sgnica (Costa Pinto, 1997, p. 53)

Farei algumas ressalvas, entretanto. O fato de CL haver se “antecipado” ao estruturalismo não é coerente. Estruturalismo pode remeter a Lévi-Strauss e Lacan (ambos anteriores ou pelo menos coetâneos a CL), mas o conceito de “estrutura” nas ciências sociais data de, pelo menos, a última década do século XIX (ver, por exemplo, A. R. Radcliffe-Brown). Pode acontecer de as obras dos autores suscitados aqui serem coetâneas ou estarem à distância ínfima das de CL. Contudo, isto reitera e corrobora a hipótese de que havia questões sociais (e socioantropológicas) que surgiram e foram discutidas ou registradas, de uma forma ou de outra, para um público ou outro por autores(as) diferentes em tempos e espaços distintos. Outrossim, a popularização de autor, conceito e teoria tem a ver com fatores políticos e não apenas com cronologia.

Ainda naquela revista, pude encontrar outro artigo que apoia a interpretação que propus sobre a relação entre formas de conteúdo e formas de expressão, os rizomas do livro:

Em *Água viva* (de 73 [=1973]), por exemplo, Lispector leva a extremos a insurreição formal e a desestruturação da forma romanesca, criando um gênero híbrido, marcado pela fluidez, pela aparência inacabada e inconclusa, produto da liberdade, de um certo estado de embriaguez produtiva que rompe limites sintáticos e fronteiras normativas. Obra de iluminação profana (a expressão remete a Walter Benjamin), extática mas nunca estática, fruto da mobilização de energias da embriaguez, é ato revolucionário de escrita, verdadeira *convulsão da linguagem* (Martins, 1997, p. 51, ênfases do original.)

Sabe-se que a obra *Água viva* teria recebido pelo menos outros dois títulos que fo-

ram deixados de lado: “objeto gritante” e “monólogo com a vida”. Relativamente ao primeiro, percebe-se a afinidade com proposições artísticas da época. A construção “objeto gritante”, diga-se de passagem, é uma figura de linguagem que atribui característica de um ser vivo a um objeto inanimado (prosopopeia), além da mescla de sensações, ou seja, objeto concreto, tátil ou visível, percebido pela audição (sinestesia). O segundo, a propósito, não remeteria tanto ao objetivo da obra, mas a sua forma, isto é, o texto contínuo causa a impressão de que a voz narradora está em solilóquio. Rara vez aparece menção a um “tu” e outras poucas ao(à) leitor(a), sem haver nem sequer um travessão que introduza diálogo propriamente dito. Finalmente, um monólogo pressupõe que não existe interlocutor, pelo que a construção “monólogo com a vida” pode ser entendida como figura de silepse, ironia ou paradoxo.

### 3. Análise textual de *Água viva*

Uma análise textual começa pelo título. “Água viva” sem hífen denota que não é qualquer água; o substantivo está adjetivado, sendo água que possui vida ou, mais ao gosto de CL, a água está submetida à condição de viver. Ao passo que conota o homônimo “água-viva”, que é um bicho (não remeterei à classificação biológica hegemônica para não cestar com palavras secas esta delicada suspensão dos juízos pré-formados, que é a substância mesma que originou a obra em questão). Este jogo de palavras que a língua permite já prenuncia a forma da escritura. Também, o fato de a água “possuir” vida indica fluidez, mudança, movimento, algo que foge à forma, ao território, à linguagem.

Cabalmente, tem-se um livro de forma radicular ou típica (cf. Deleuze; Guattari, 1995): folhas encadernadas. Capa, contracapa. A edição utilizada não possui ficha catalográfica no anverso, embora conste da imprensa e da autoria. Epígrafe novamente aludindo à “forma” da arte. E surpresa: um texto contínuo, sem divisões aparentes, sem capítulos, seções, nada disso. Densidade e continuidade e profundidade são os atributos que advêm das primeiras impressões do(a) leitor(a), ou “[...] longitude, latitude e altitude [...]” (Lispector, 1973, p. 10). Continuidade, aliás, é algo renitente em todo o texto: “o que escrevo é um contínuo”, “está sendo”, “continua, não vai parar” aparecem com frequência. O próprio término do texto ressalta que “Não vai parar: continua. [...] O que te escrevo continua e estou enfeitada” (1973, p. 115 [última frase do texto]). A edição de que me servi conta 118 páginas numeradas, iniciando em 7 com o texto que termina à 115 – 108 de corpo, excluindo a epígrafe. E mais uma breve nota biográfica ao final.

Ainda sobre a noção de livro, DG trazem uma noção de livro-rizoma, oposta ao livro-raiz ou arborescente (1995, pp. 10-1). Este teria uma estrutura unificada e totalizante que ordena leitura e escrita, e, logo, o pensamento. Já aquele teria temas entrecruzando-se em qualquer ponto, que atravessariam as páginas e ligar-se-iam em imagem de rizoma. Muito a propósito, a aparente ausência de tema ou divisões na obra em questão pode ser compreendida desta maneira: rizomas. Temas aparecendo e reaparecendo em multiplicidade de ligações. Matérias não formadas, corpos sem órgãos, sem sujeito nem objeto, nos termos de DG; e plasma, *it*, pintura, som, atrás do pensamento (= inconsciente?) nos termos de CL.

Por outro lado, se a autora e/ou a narradora está obstinada em criar uma nova

forma artística, em que as palavras livrem-se da forma – como música atonal à Schönberg<sup>2</sup>, ou mesmo certos “gêneros” de pintura (penso, por exemplo, nas assim chamadas vanguardas europeias dos inícios do século XX, em especial no surrealismo), conforme as numerosas referências ao longo do texto. Parece que ela não estava sozinha em tal sanha. Lygia Fagundes Telles, em seu *Seminário dos ratos* (primeira edição de 1977), também nos apresenta um gênero inusitado e próximo, em certos pontos, do gênero do livro de CL em questão. Inicialmente, com relação ao conteúdo, que às vezes parece retirado diretamente de sonhos, ou desfazendo a separação construída no Ocidente entre Natureza e Cultura. Em CL a mesma transmutação entre animalidade e humanidade aparece (v. seção das flores, 1973, p. 66 ss. (crônica *Dicionário*) e o catálogo de bichos, 1973, p. 56 ss. e *passim*, e comparações entre eles e humanos, especialmente sob o aspecto da consciência, faculdade esta historicamente reservada aos humanos pelo pensamento ocidental), bem como a indistinção entre vigília e sono (tema do “atrás do pensamento”, perseguido em todo o texto, ou as temporalidades). Finalmente, com relação à forma, o texto de L. F. Telles aparece com contos reunidos de maneira independente, sem necessariamente uma continuidade de enredo. Tal aspecto, em CL, virá na contiguidade incessante de texto (ausência de capítulos). Assim, percebe-se que não era apenas CL que perseguia um novo estilo ou gênero literário, fato que reforça que há uma sociologia do conhecimento em que a autora está inserida e que ela registra em sua obra.<sup>3</sup>

Uma última nota sobre a relação entre CL e as teorias incipientes advindas de 1968. Devo lembrar que a primeira edição do primeiro tomo de *Capitalismo e esquizofrenia* de DG é de 1974; e a do segundo tomo, quase dez anos mais tarde. Assim, pode parecer inusitado eu me referir mais a *Mil platôs*, que seria posterior a CL e deixar de lado *O anti-Édipo*<sup>4</sup>. Ocorre que, como mencionei no início deste artigo, havia um conjunto de debates à época entre, digamos, 1968 na França e *Água viva* de CL em 1973, e o conteúdo destes debates circulou os meandros acadêmicos e literários, sendo registrados pela escritora. O fato de não haver menção a *O Anti-Édipo* em CL e nem da autora em DG não exclui o contato que todos tiveram com as mesmas questões postas pelos movimentos sociais chamados de “minorias” na mesma época em diversos países – o mais importante, talvez, para a discussão que aqui realizo seja o feminismo.

Sobre detalhes da estruturação do livro, sua história, alterações e idas e vindas entre o manuscrito e a versão publicada, ver Moser (2013). Neste autor pode-se encontrar outras leituras que conectam fatos vivenciados pela autora e que reaparecem em *Água viva*, bem como o contexto político do Brasil (ditadura militar) e o envolvimento da autora, outros títulos e outras interpretações sobre seu significado.

<sup>2</sup> É recorrente em *Água viva* recursos e referências à música. Modelos musicais e conceitos emprestados da música também são recorrentes em Deleuze e Guattari. Nos agradecimentos de *A hora da estrela* há citações explícitas a compositores, inclusive Schönberg.

<sup>3</sup> Vale a pena anotar de passagem a recorrência da animalidade em obras literárias brasileiras, bem como associações inusitadas do ponto de vista restrito da lógica formal (figuras de metonímia e metáfora, tão caras à interpretação estrutural dos mitemas em C. Lévi-Strauss).

<sup>4</sup> O conceito de multiplicidade já aparece em *O Anti-Édipo*. Edição brasileira: Deleuze, G. Guattari, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. São Paulo: editora 34, 2010, pp. 50-52.

#### 4. Registro pós-estruturalista de gênero por Clarice Lispector

É bem, e o gênero, onde está?

Após algumas releituras do texto, parece que a palavra “gênero” surge apenas duas vezes em todas as 110 páginas de texto (incluindo a epígrafe), a saber, páginas 12 e 32. Na segunda ocorrência, remete explicitamente ao “gênero humano”: “[...] não pertencço ao gênero humano”. Já a primeira indica o gênero literário: naquele parágrafo a autora remete às palavras e à lógica e argumenta que uma classificação da obra presente seria inútil (*sic*). Sem embargo, esta primeira ocorrência também sugere gênero em uma acepção de performance, de execução; nota-se que desde o início do texto a narradora está às voltas com a maneira como criará sua arte, sendo isto que permite deduzir esta conotação.

Desejaria explicitar relações sintagmáticas que revelem gênero como performance, o que recorta o texto e seleciona passagens específicas. Infelizmente esta acepção estaria mais próxima da conceitualização de Judith Butler, que é da década de 1990 e portanto muito posterior à obra de CL sob análise. Um conceito mais próximo do período histórico em que a autora está escrevendo seria o de Joan Scott, como “[...] gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é um jeito primário de significar relações de poder” (Scott, 1986, p. 1067; tradução livre)<sup>5</sup>. Então o enfoque que darei à noção de gênero em CL estará alinhado com uma concepção mais foucaultiana (tal qual a de Scott). Mas não é apenas catalogar as ocorrências na obra. Trata-se de pensar como o devir-mulher da escritora e o devir-escritora na mulher desterritorializam a categoria de gênero, seus componentes e suas implicações. Para analisar como o devir intervém no texto *Água viva* nesse sentido de linha de fuga, valho-me do aparato deleuze-guattariano.

Como se trata de uma análise sob a égide das ciências sociais, trouxe contextos históricos para complementar o entendimento das passagens e problematizarei “gênero” a partir do referencial das ciências sociais. Significa isso que selecionarei os eventos textuais em que a narradora assinala especificamente uma *persona* tal nomeada ora “ele”, ora “ela”, ora “it”. Com efeito, para Deleuze e Guattari, o problema de gênero começa com sua forma biunívoca; a máquina produz apenas dois gêneros que conduziriam a um mesmo fim produtivo ou de consumo, e as divergências entre a execução dos papéis de gênero e as prescrições da máquina seriam punidas.

“Questões de gênero” nas ciências sociais constituem copiosa literatura, que pode ser encontrada desde o *Manifesto do partido comunista* (1848) ou em *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844), passando por um crescente no século XX e culminando nos estudos avançados hodiernos, cujas zonas de vizinhança são indiscerníveis entre temas, autores(as) e teorias. Considerando isto, devo limitar-me às obras que vieram a público no tempo de *Água viva*, haja vista que não faz sentido trazer à baila aquilo que foi produzido após o falecimento de CL e também não é interessante resenhar tudo quanto ela própria

---

<sup>5</sup> Original em inglês: “[...] gender is a constitutive element of social relationships based on perceived differences between the sexes, and gender is a primary way of signifying relationships of power.”

leu<sup>6</sup>. Nesse sentido, convém abordar o tema gênero na escritora com ajuda do conceito deleuze-guattariano de devir (v. especialmente Deleuze; Guattari, 1997). Segundo os autores, todo devir passa pelo devir-mulher (Deleuze; Guattari, 1997, pp. 50-51), inclusive as mulheres precisam devir-mulher. Devir não é sinônimo de transformar-se, tornar-se, virar; devir sinaliza para alianças que precisam ser produzidas, passar entre os pontos duros-molares binários da sociedade (macho-fêmea, por exemplo) e criar novas conexões. Este processo arrasta as categorias, é assignificante e assubjetivo, entra em zonas de vizinhança e indiscernibilidade. Aqui importa também o devir-escritora: além do devir-mulher, há a aliança com a escrita. É pela escrita que a autora vai produzir criações não formais e passar entre os grandes conjuntos binários para atingir multiplicidades.

Há uma passagem específica no livro em que a autora descreve o seu próprio nascimento. CL começa a falar de nascimento à página 14:

Entro lentamente na minha própria dádiva a mim mesma, esplendor dilacerado pelo cantar último que parece ser o primeiro. Entro lentamente na escrita assim como já entrei na pintura. É um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras – limiar de entrada de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer.

Como se pode perceber, o início do texto e o ato de nascer estão associados ao ato de criação literária. A partir desta página e por todo o livro, a tensão entre vida e morte, nascimento e morte, criação e morte concatena os temas. Cada nova vida imporia uma nova visão sobre o mundo e sobre a vida mesmo. Neste sentido, a autora personaliza-se porque apenas pode falar de si e da própria experiência vivida, ainda que, de fato, esta mesma vivência seja multiplicidade e polifonia: “E se eu digo 'eu' é porque não ousou dizer 'tu', ou 'nós' ou 'uma pessoa'. Sou obrigada à humildade de me personalizar me apequenando mas sou o és-tu” (p. 12). As relações sociais são anotadas como intrinsecamente contraditórias, só existe personalização quando há relação: “a vida vista pela vida” (p. 13) é diferente da vida vista por um ente, o qual, necessariamente constrói relações com tudo e a partir delas interpreta-o (conceito de cultura na antropologia de Geertz; v. Geertz, 1978).

Talvez, então, o ponto de alternância entre nascimento e morte, entre desorganização e uma nova organização seja o ato criativo, em que o elemento puro, o *it*, ganha uma personalidade, relações sociais, e a partir daí pode-se falar em “ele” ou “ela”. Porque, é importante recordar, não se nasce homem/mulher, mas torna-se (fórmula de Simone de Beauvoir). E assim também viver é vir a ser, tornar-se, devir que é, conforme DG, extemporâneo, intempestivo, constitui-se de continuação. Devir é buscar ou construir para si um corpo sem órgãos – CsO – (Deleuze; Guattari, 1996); um CsO é uma prática e faz parte daquelas que desterritorializam as categorias binárias. O devir-mulher da escritora busca um CsO através da arte, o devir-escritora da mulher arrasta consigo a linguagem formal e os gêneros. “[...] Nasci assim: tirando do útero de minha mãe a vida que

---

<sup>6</sup>Já mencionei em uma nota de rodapé acima que estou produzindo outro trabalho de maior envergadura, em cujo escopo admite-se toda variedade de conhecimentos que a autora registrou. É evidente que este trabalho é inesgotável, ainda que houvesse um esforço hercúleo que reescrevesse a obra.

sempre foi eterna [...]” (p. 38). E prossegue:

Ocorreu-me de repente que não é preciso ter ordem para viver. Não há padrão a seguir e nem mesmo há o próprio padrão: nasço.

Ainda não estou pronta para falar em “ele” ou “ela”. Demonstro “aquilo”. Aquilo é lei universal. Nascimento e morte. Nascimento. Morte. Nascimento e – como uma respiração no mundo.

Eu sou puro *it* que pulsava ritmadamente. Mas sinto que em breve estarei pronta para falar em ele ou ela [...] (pp. 42-3).

Esta citação requer uma análise mais detida. “Ordem” para viver poderia ser equiparado ao conceito de cultura (Geertz, 1978) ou à própria linguagem. Os símbolos culturais informariam uma ordem ou padrão de comportamentos e interações, e o fato da diversidade humana coexistente indicaria que o ser humano seria capaz de nascer e desenvolver-se em qualquer cultura e interagir com essa sociedade consoante seu “padrão” ou “ordem” cultural. Jogo envolvente de palavras e teorias. Há que se cuidar para não tomar exceção por regra geral, o que constituiria um argumento falacioso.

O fato de a voz narradora reconhecer que ainda não está apta para autodenominar-se “ele” ou “ela” remete diretamente ao processo de socialização que ensina as pessoas a ligarem sexo com gênero pela linguagem de maneira binária. Será um aprendizado e por isso o “padrão” seria secundário. Quanto a demonstrar “aquilo”, a referência poderia ser encontrada na tradição hindu, em que os sábios alcançam um modo de indicar o que é Deus pelo pronome demonstrativo “aquilo”. A máxima “tu és aquilo”<sup>7</sup> exprime a relação inerente e imanente do Deus com tudo que ele criou. Por isso mesmo, caberia ser chamada “lei universal”. O contato com a literatura hindu (védica em especial) pode ser captado em diversos aspectos filosóficos aproveitados pela autora em várias obras. Isto será apreciado mais detidamente no ensaio que estou preparando. Para quem não tem intimidade com literatura hindu, verifique-se a epígrafe de *A maçã no escuro*, retirada diretamente de uma upanixade.<sup>8</sup>

Somente com este pano de fundo a autora pode afirmar-se como “puro *it*”, uma substância primordial que seria o próprio princípio gerativo de tudo (Deus hindu – ou a substância spinoziana, para sermos mais condizentes com CL e DG). O pronome pessoal indeterminado, além de indicar esta relação de demonstração indeterminada, poderia ser associado ao *id* ou *isto* da psicanálise.<sup>9</sup> A única forma de um *it* devir ele ou ela é nascendo e vivenciando um processo social – o ordenamento chamado por DG de *socius inscriptor*. É

---

<sup>7</sup> तत्त्वं असि

<sup>8</sup> Upanixade, do sânscrito उपनिषद्, significa literalmente “sentar-se perto”, encetando o ato de sentar-se para ouvir/entoar os textos sagrados. Observe-se ainda que há 108 upanixades; este gênero de texto é um comentário que visa esclarecer o sentido dos vedas primordiais. Epígrafe de *A maçã no escuro*: “Criando todas as coisas, ele entrou em tudo. Entrando em todas as coisas, tornou-se o que tem forma e o que é informe; tornou-se o que pode ser definido; e o que não pode ser definido; tornou-se o que tem apoio e o que não tem apoio; tornou-se o que é grosseiro e o que é sutil. Tornou-se toda espécie de coisas: por isso os sábios chamam-no o real”.

<sup>9</sup> *Id*, *isto* e *it* equivalem ao alemão *es*.



neste sentido, certamente, que a voz narradora asseverará adiante: “Já posso me preparar para o ele ou ela. [...]” (p. 51).

Compreendendo a voz narradora que a máquina biunívoca impor-lhe-á um gênero e suas possibilidades limitadas, conclui: “Vou voltar para o desconhecido de mim mesma e quando nascer falarei em ele ou ela. Por enquanto o que me sustenta é o ‘aquilo’ que é um ‘it’. Criar de si próprio um ser é muito grave. Estou me criando. [...]” (p. 52). É de chamar a atenção que, embora a narradora ainda vá falar em ele ou ela, já se afirma a si mesma como feminina, embora lhe seja desconhecida em essência até para si própria (“o desconhecido de mim mesma”, *id. ibid.*). Percebe ela que sua “essência” não é pré-determinada e que ela poderá devir homem ou mulher. “Aquilo” que lhe sustém é também indeterminado (*it*). E considera a gravidade de devir o que quiser, segundo as possibilidades encontradas.

Não obstante, a impressão que fica para o(a) leitor(a) é de que as numerosas possibilidades de devir têm seu momento de escolha frustrado: “[...] Nasci por Ordem. [...] Respiro por Ordem. [...] Daqui a pouco a Ordem vai me mandar ultrapassar o máximo. [...]” (p. 54). Processo de socialização em uma cultura? Mal-estar da civilização? Processo civilizatório? É assaz provável, pois que a máquina de gêneros é biunívoca.

## 5. Considerações finais

Se, como se diz, Clarice Lispector atinge e mesmo ultrapassa os limites da linguagem em *Água viva*, certamente o processo não é simples. O devir-mulher e o devir-escritora são um tremendo esforço de fugir aos padrões. Esse esforço pode-se encontrar na relação da mulher com a literatura: permite à autora devir-mulher, devir-artista, devir-flor, devir-animal. “Não, eu não descrevi o espelho – eu fui ele. E as palavras são elas mesmas, sem tom de discurso” (p. 95). O devir é exacerbado, e a autora consegue chegar ao ponto de ser imperceptível:

Hoje de tarde nos encontraremos. E não te falarei sequer nisso que escrevo e que contém o que sou e que te dou de presente sem que o leias. Nunca lerás o que escrevo. E quando eu tiver anotado o meu segredo de ser – jogarei fora como se fosse ao mar. Escrevo-te porque não chegas a aceitar o que sou. Quando destruir minhas anotações de instantes, voltarei para o meu nada de onde tirei um tudo? [...]. (p. 87).

Não significa que sempre dê certo ou que, uma vez atingido o objetivo, a desterritorialização, a vida torne-se simples. “Mas escrever para mim é frustrador: ao escrever lido com o impossível” (p. 87). Essa mesma fluidez narrativa que inquieta a escritora tem a ver com os devires e com os constrangimentos sociais dos gêneros (agora pensando em consonância com Scott, 1986).

Vou te dizer uma coisa: não sei pintar nem melhor nem pior do que faço. Eu pinto um “isto”. E escrevo um “isto” – é tudo o que posso. Inquieta. [...] Não me

posso resumir porque não se pode somar uma cadeira e duas maçãs. Eu sou uma cadeira e duas maçãs. E não me somo (p. 88).

Relação complexa que comporta estabilizações momentâneas (o tema do instante-já, p. 7 ss., linha que atravessa a obra) com os devires, a linguagem e os gêneros. Claro que este artigo é breve e não esgota as possibilidades de leitura. Todavia encerro, esperando ter oferecido um delineamento dos conhecimentos filosóficos e socioantropológicos, em especial de aspecto pós-estruturalista e feminista, em torno da década de 1960, que a autora registrou em sua obra.

### Referências bibliográficas

Alonso, Mariângela. Da receita ao romance: a barata no imaginário clariceano, in: Mostra de Pós-Graduação em Letras: Letras em Debate, XVI, 2013, São Paulo. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013, v. 13, pp. 1-16.

Costa Pinto, Graziela R. S. O ser e a escritura, in: Dossiê Clarice Lispector. *Revista CULT*. São Paulo, n. 5, pp. 52-56, Dez. 1997.

Deleuze, G.; Guattari, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia II*. Vol. 1. São Paulo: editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia II*. Vol. 3. São Paulo: ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia II*. Vol. 4. São Paulo: ed. 34, 1997.

Geertz, C. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem, in: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Lispector, Clarice. *Água viva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

Martins, Gilberto F. Culpa e transgressão, in: Dossiê Clarice Lispector. *Revista CULT*. São Paulo, n. 5, pp. 57-60, Dez. 1997.

Moser, Benjamin. *Clarice*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Scott, Joan W. Gender: a useful category of historical analysis, in: *The American Historical Review*. Bloomington, v. 91, n. 5, pp. 1053-1075, dec. 1986.

**Artigo recebido em 12/04/2016; aceito para publicação em 14/10/2016**

**RESUMO:** O presente artigo é uma análise de sociologia do conhecimento sobre a temática de gênero na obra *Água viva*, de Clarice Lispector. O objetivo deste texto é realizar um exercício de leitura de temas e problemas paralelos aos do livro, registrados pela autora por suposição, a partir de sua vivência de um determinado período histórico. Nesse sentido, visa explicitar o conhecimento como produção social. Introduce o assunto e situa autora e obra. Segue analisando questões de gênero em pontos específicos do texto a fim de mostrar que diálogo ou contato a autora teve com a temática. A problemática escolhida possui matiz pós-estruturalista, dado o período selecionado (1960-70). Este artigo não pretende ser conclusivo, mas apenas delinear a questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clarice Lispector; *Água viva*; sociologia do conhecimento; gênero.

**ABSTRACT:** The present article is a knowledge sociology analysis about gender issues in *Água viva*, a book by Brazilian author Clarice Lispector. The objective of this text is to realize a reading exercise of issues and troubles parallel to the book, which were registered by the author by supposition, considering her life in a determined historical period. In this sense it intends to explicit knowledge as a social production. It introduces issues and situates the author and her work. Then it flows analyzing gender issues in specific points on the book, in order to exhibit which dialogue or contact that author has had with such issues. The chosen approach lays in poststructuralist background, considering the selected period (1960's to 1970's). This article does not assume to be exhaustive, but to provide an outline of the issue.

**KEYWORDS:** Clarice Lispector; *Água viva*; sociology of knowledge; gender.